



© Geert Lovink, 2022.
© Editora Funilaria, 2023.
© BaixaCultura, 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lovink, Geert
Extinção da internet / Geert Lovink ; tradução
Dafne Melo. -- São Paulo, SP : Editora Funilaria,
2023.

Título original: Extinction internet.
ISBN 978-65-84735-30-9
1. Internet - Aspectos sociais 2. Internet (Rede
de computadores) - Aspectos sociais 3. Tecnologia -
Aspectos sociais I. Título.

23-175307

CDD-302.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Internet : Meios de comunicação : Aspectos
sociais 302.23
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Coordenação editorial: Caio Valiengo, Marília Jahnel,
Renata Del Vecchio

Tradução: Dafne Melo

Revisão da tradução: Leonardo Foletto

Revisão: Daniel Moreira Safadi

Projeto gráfico no original: Mieke Gerritzen

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



O conteúdo deste livro está sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Brasil.

 funilaria
editorafunilaria.com.br

@editorafunilaria

 baixa
cultura
baixacultura.org

@baixacultura

EXTINÇÃO DA INTERNET

GEERT LOVINK

coleção
<âncoras do futuro>

Sumário

- 9 **Prefácio: Construindo bifurcações na
(história da) Internet**
por Leonardo Foletto
- 30 **Extinção da Internet**
por Geert Lovink

**CONSTRUINDO
BIFURCAÇÕES
NA (HISTÓRIA DA)
INTERNET**

**LEONARDO
FOLETTTO**

Há alguns anos, ativistas, pesquisadores, filósofos e intelectuais comentam que a internet não é mais o que já foi. A esperança de construir um mundo mais justo via rede — com menos discriminação e mais respeito aos outros, com todos sendo também mídia, a partir de uma saudável proliferação de pontos de vista causada pela liberação do polo emissor da informação — tem dado lugar a um pesadelo de desinformação. Realidades paralelas são construídas a partir de informações mentirosas proliferadas em dispositivos acessados por, pelo menos, dois terços da população mundial¹, turbinadas por uma defesa por vezes absolutista da liberdade de expressão e pela plataformização de nossas vidas online.

A consequência tem sido conhecida: circulação de discursos de ódio e espalhamento de desinformação “como nunca antes na história”; captura ativa de nossa atenção e do nosso olhar, transformados em dados que, coletados em quase todos os lugares da rede, estão a serviço de poucas empresas que lucram cada vez mais oferecendo tudo para o nosso consumo; precarização das relações de trabalho a partir de novas formas de exploração do trabalho digital², atomizada e globalizada também para tentar dificultar qualquer tipo de reação organizada dos trabalhadores; continuação das relações coloniais, agora a partir de um colonialismo digital (ou de dados)³, criado a partir de um processo de extração de valor que reproduz e amplia o racismo, incrustando também na técnica os vieses de raça (e gênero), em um fenômeno chamado de racismo algorítmico⁴. Essa exploração também tem levado dados do sul global para o enriquecimento de empresas de tecnologia do norte, especialmente dos Estados Unidos e da Europa, o que também traz consequências para a soberania digital dos países que não constroem uma infraestrutura própria para armazenar e cuidar de suas informações, jogando conhecimento precioso de forma silenciosa em *datacenters* privados que não sabemos bem como funcionam, como no caso das universidades que adotam nuvens (“Não existe nuvem: é apenas os computadores de outras pessoas” diz o meme) das *big techs*. E isso é apenas um

resumo: poderíamos falar também das consequências ambientais de um modo de vida conectado que demanda muita energia em um planeta cada vez mais quente e colapsado, ou dos efeitos psicológicos que a hiperexposição a telas e informações rasas que abundam nas redes sociais têm sobre o cérebro humano — mas, por hora, você já entendeu o que estou dizendo.

Diante de tudo isso, é inevitável pensar que, de fato, a internet *deu ruim* — ou, pelo menos, não cumpriu nossas expectativas de melhora global e pode estar acelerando os problemas do planeta. O que nos leva a um outro pensamento: o que vamos fazer diante desse colapso? Há alguns anos, muita gente tem diagnosticado esse cenário e tentado apontar caminhos, entre os quais se encontra o autor deste livro. A questão, hoje mais clara do que duas décadas atrás, é muito mais política e econômica do que tecnológica. E quando falamos nestas duas palavras — política e economia —, sabemos que toda e qualquer bifurcação não será fácil nem suave. “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, disse o escritor inglês Mark Fisher, numa frase hoje bastante ouvida e que sintetiza bem a encruzilhada que nos traz o chamado Realismo Capitalista. Será que uma outra internet — uma mais próxima à que acreditávamos nos anos 2000, descentralizada, menos vigilante, mais das pessoas do que de empresas e robôs — ainda é possível?

É a essa pergunta inquietante que buscamos, nesta coleção, tentar responder. Sem a pretensão de trazer respostas definitivas nem únicas, porque não existem. Mas com a esperança de politizar esse mal-estar que nos acomete para jogar luz a bifurcações possíveis — já existentes ou a serem criadas. Falar bastante do problema pode ser um primeiro passo para tentar resolvê-lo, nos ensina a psicanálise.

O livro que você tem em mãos, portanto, é o primeiro desse esforço. Geert Lovink, seu autor, é alguém que faz a crítica da internet tal como ela se tornou há algum tempo; já no final dos anos 1990, a partir do conceito de mídia tática (da qual é o seu principal proponente) e de uma corrente de estudos chamada *net-criticism*, apontava para os perigos da internet estar diretamente relacionada com a expansão do poder de empresas privadas em sua maioria oriundas de um único país, os Estados Unidos. Em coro com *A Ideologia Californiana*⁵, ensaio seminal (publicado em 1995) de Richard Barbrook e Andy Cameron sobre a tecnopolítica da rede, Geert aponta, há mais de 20 anos, também para a necessidade de criação de infraestruturas e redes autônomas, organizadas coletivamente e independentes de grandes empresas, para que não deixássemos o desenvolvimento, o controle e a inovação das tecnologias digitais em rede apenas na mão de um punhado de organizações privadas do Vale do Silício.

Professor da Universidade de Amsterdam de Ciências Aplicadas, Geert tem um longo histórico no

ativismo midiático e ciberativista europeu. Membro fundador da *Nettime*⁶ — um grupo e uma lista de e-mails sobre cultura digital (*networked cultures*), política e tática que — desde 1996 (!) — reúne uma série de pesquisadores, professores, teóricos e práticos europeus —, também fundou, em 2004, o *Institute of Network Cultures*, que trabalha com pesquisas e publicações ligadas a arte digital, cultura da imagem, design e publicação digital a partir de uma perspectiva interdisciplinar e crítica. É autor de livros como *Networks Without a Case* (2012), *Social Media Abyss* (2016) e *Organization after Social Media* (com Ned Rossiter) — todos sem edição brasileira, mas traduzidos para o alemão, espanhol e italiano⁷. Nos últimos anos, Geert tem reforçado sua posição crítica ao que a internet se transformou em livros como *Sad by Design* (2019) e *Stuck on the Platform* (2022), nos quais ele analisa o crescimento das plataformas de mídias sociais e a relação do design pela qual foram feitas com a proliferação da desinformação, da circulação de memes tóxicos e discursos de ódio, da fadiga online a partir das telas (explorado durante a pandemia no chamado “*zoom bombing*”) e da adicção online.

Neste *Extinção da Internet*, ele segue nessa análise, agora de modo sintético e dialético, trazendo um resumo de suas principais questões atuais sobre essa “ressaca da internet”, como eu mesmo já a chamei em 2018⁸. Provoca sua plateia — o texto parte de uma aula

inaugural dada em 18 de novembro de 2022 na Universidade de Amsterdam — a examinar o status atual da internet para se pensar, criativamente, em alternativas de bifurcação. Para isso, usa memes, cita fóruns da internet, menciona ativistas conhecidos e chama um time de pensadores que estão, quase todos, se debruçando sobre a relação do capitalismo neoliberal com a tecnologia digital: há Bernard Stiegler, Franco “Bifo” Berardi, Tiziana Terranova, Donatella Della Ratta, Yuk Hui, mas também outros, como Mark Fisher, Jacques Derrida, Bertold Brecht e Walter Benjamin. De Stiegler, vem uma máxima que também percorre as intenções deste livro: “colocar os automatismos a serviço de uma desautomização negantrópica”. De Benjamin, um convite à uma tarefa de hoje: “escovar a história a contrapelo”.

14

Propor bifurcações é uma forma de lutar contra o imobilismo do “não há nada a fazer”, que a leitura dos primeiros parágrafos dessa introdução pode sugerir. Geert faz, diversas vezes neste livro, perguntas para nos tirar dessa posição exclusivamente niilista e nos chamar à ação. Por exemplo: “Como transformar descontentamento e contra-hegemonia em uma verdadeira transição de poder nesta era da plataforma tardia? O que pode ocupar o vazio em nossos cérebros desfragmentados depois que a internet desocupar a cena? Em que pode consistir a vida depois que nossas mentes frágeis não forem mais atacadas pelos efeitos entorpecentes e deprimentes de descer a barra de rolagem do apocalipse (*doomscrolling*)?”

Embora fale em colonialismo, a perspectiva de Geert ainda é a europeia branca. Nesse caso, sua visão nos ajuda a entender os problemas do ocidente em que a internet foi concebida, capturando um *zeitgeist* de quem — com menos problemas de conexão, mais produção de tecnologias digitais e a caminho (neste 2023) de uma regulação razoável das plataformas — ainda se pergunta o que pode ser feito para reinventar a internet. Nos próximos volumes da coleção, trataremos perspectivas sobre as bifurcações possíveis a partir de pontos de vista do sul global. Acreditamos que nossa região, ainda com todos os problemas de acesso, regulação possível e desigualdade generalizada, tem o potencial real de alternativas novas ao incorporar e incubar soluções *desde abajo*, baseadas na inventividade gambiarrística de quem cria porque entende melhor que não há outro caminho para (sobre)viver.

Leonardo Foletto é jornalista, doutor em Comunicação (UFRGS), professor e pesquisador da FGV ECMI. Ativista do software e do conhecimento livre, já fez (ou faz) parte de coletivos e organizações como Casa de Cultura Digital, Ônibus Hacker, MateHackers, Labhacker e Creative Commons Brasil. Seu último livro é *A cultura é livre: uma história da resistência antipropriedade*, lançado pela Autonomia Literária/Fundação Rosa Luxemburgo, com prefácio de Gilberto Gil. Edita o *BaixaCultura* (<https://baixacultura.org>), laboratório online de (contra) cultura digital e cultura livre, desde 2008.

1. Dados da União Internacional de Telecomunicações (UIT), via Nações Unidas, 2022.

2. Que tem dado origem a outras denominações e hipóteses sobre o sistema econômico político hoje. Cito aqui duas delas: 1) “tecno-feudalismo”, que afirma que o capitalismo industrial, enquanto um modo de produção progressivo e gerador de crescimento econômico, foi já substituído por um capitalismo rentista, depredador, que deve ser agora chamado de tecno-feudalismo, termo popularizado especialmente a partir de Cédric Durand em *Technoféodalisme: Critique de l'économie numérique* (2020); e 2) “o capital está morto”, como defende McKenzie Wark no livro homônimo publicado por esta mesma editora (em coedição com a SobInfluencia) em 2022, que anuncia o que seria um novo modo de produção, não mais capitalista, mas pior, que não baseia mais seu poder na propriedade privada dos meios de produção, mas sim no controle do “vetor de informação”, formado por aquelas tecnologias que não apenas coletam grandes quantidades de dados, mas também os ordenam, gerenciam e processam para extrair seu valor.

3. Há diversos textos que têm trabalhado esse conceito, dado que o tema é inescapável na discussão tecnopolítica sobre a internet. Destaco aqui *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*, de Walter Lippold e Deivison Faustino (Boitempo,

2023) e *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*, coletânea organizada por Sérgio Amadeu, Joyce Souza e Rodolfo Avelino (Autonomia Literária, 2021). No norte global, Nick Couldry e Ulisses Mejías têm um artigo acadêmico importante sobre o tema chamado *Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject* (2021).

4. Aqui, a principal referência nacional é *Racismo algorítmico: inteligência artificial e redes digitais*, de Tarcízio Silva (Edições Sesc, 2022).

5. Publicado no Brasil em 2019, em tradução de Marcelo Träsel e edição do BaixaCultura e da Monstro dos Mares, o texto é um ensaio precursor da discussão política sobre a internet. Um trecho da introdução à edição de 2019: “Barbrook e Cameron definiam a tal ideologia como uma improvável mescla das atitudes boêmias e antiautoritárias da contracultura da costa oeste dos EUA com o utopismo tecnológico e o liberalismo econômico. Dessa mistura hippie com yuppie nasceria o espírito das empresas .com do Vale do Silício, que passaram a alimentar a ideia de que todos podem ser ‘hip and rich’ — para isso basta acreditar em seu trabalho e ter fé que as novas tecnologias de informação vão emancipar o ser humano ampliando a liberdade de cada um e reduzir o poder do estado burocrático. (...) A explosão da bolha especulativa das empresas de internet no final dos 1990 poderia ter servido como um alerta sobre onde esse pensamento

poderia levar o planeta, mas a sedução da ideologia californiana persistiu e se espalhou com a ajuda do Google, Facebook, Apple, Amazon e vários outros dos gigantes do Silício que hoje fazem parte da nossa vida cotidiana”. Disponível em: <https://baixacultura.org/a-ideologia-californiana/>

6. Ativa e com todo (ou quase) acervo guardado desde sua criação em <https://nettime.org/>

7. Apesar disso, Geert é conhecido no Brasil a partir da interlocução com ativistas e artistas midiáticos brasileiros agrupados em redes desde os anos 2000, como a MetaReciclagem, Mídia Tática, Submidialogia, Desarquivo, entre outras. Por conta dessa proximidade, tem capítulos de livros publicados em português sobre essas temáticas. Mais sobre Geert no Brasil: <https://desarquivo.org/search/node/lovink>.

8. Publicado no BaixaCultura em 2018 como *Ressaca da internet, espírito do tempo*, republicada no Outras Palavras e em outros veículos também: <https://baixacultura.org/2018/07/09/ressaca-da-internet-espírito-do-tempo/>

EXTINÇÃO DA INTERNET

GEERT
LOVINK

Sorry NO

INTERNET Today

**DESCULPE, ESTAMOS
SEM INTERNET HOJE**





**WE WILL NOT END
THE NIGHTMARE.
WE'LL ONLY EXPLAIN IT.**

**NÓS NÃO ACABAREMOS
COM O PESADELO.
APENAS O EXPLICAREMOS.**

**SIMPLESMENTE NÃO DESEJO
VIVER ENTRE OS HUMANOS.**



*I simply do not wish
to live among humans.*



zizek
You are all just perverts who are secretly
horny for the apocalypse

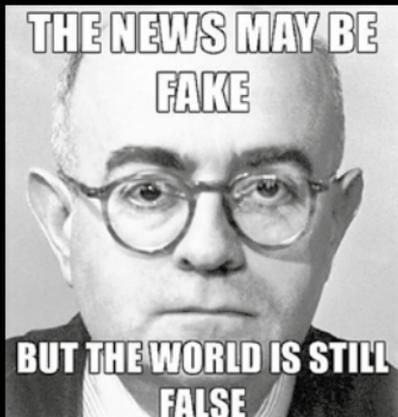
**VOCÊS SÃO APENAS
PERVERTIDOS QUE
ESTÃO SECRETAMENTE
COM TESÃO PELO
APOCALIPSE.**

**A NOTÍCIA PODE
SER FALSA, MAS
O MUNDO SEGUE
SENDO UMA
MENTIRA.**



I'm upset and I'm online

**ESTOU CHATEADA
E ESTOU ONLINE.**





FODA-SE O SOL

**TORNE A
ESCURIDÃO
VISÍVEL
NOVAMENTE**



“O QUE NÃO PODE SER DITO SERÁ CHORADO.” SAPPHO BOT — BLACK-CAP: TORNE A ESCURIDÃO VISÍVEL NOVAMENTE — “EGALITARIANISMO PARA TI, ELITISMO PARA MIM.” — “QUERO UM BOTÃO DE DESVISUALIZAR PARA APAGAR TWEETS VISUALIZADOS RECENTEMENTE DO MEU CÉREBRO.” BEN GROSSER — “EU ME VEJO COMO INFLUENTE? NÃO. EU QUERO ENTENDER.” HANNAH ARENDT — “COMO DIABOS UM COMPUTADOR VAI ME PERGUNTAR SE SOU UM ROBÔ, FDP, VOCÊ É O ROBÔ.” @BRIANTHERULLER — “O QUE É MEDIDO É GERENCIADO.” SIMON CAULKIN — COMANDO: MANDE OS PALHAÇOS — “EU ME LEMBRO DO DANO.” ESTAÇÃO ONZE — “UMA MÁXIMA BRECHTIANA: TIRE SUAS SUGESTÕES NÃO DAS BOAS E VELHAS COISAS, MAS DAS RUINS E NOVAS.” WALTER BENJAMIN — “NÃO MAIS ‘SOCIALISMO OU BARBÁRIE’, MAS SIM ‘DECRESCIMENTO OU MAD MAX’.” PATRICE RIEMENS

**PRIMEIRO O
DIAGNÓSTICO,
DEPOIS O
CUIDADO
RESTAURATIVO**

**FÍSICO,
BIOLÓGICO E
INFORMACIONAL**

A CULTURA DA INTERNET DE HOJE PODE RESISTIR À entropia e superar a captura infinita enquanto enfrenta seu fim que nunca tem fim?²¹ Essa é a questão-legado que nos foi deixada pelo filósofo francês Bernard Stiegler, falecido em agosto de 2020. Há uma antologia programática que ele criou intitulada *Bifurcate: “There is no Alternative”* [Bifurcar: não há alternativa], finalizada nos primeiros meses da pandemia de covid-19 e produzida pouco antes de sua morte, centrada em sua obra, escrita em cooperação com a geração Greta Thunberg. *Bifurcar* é um projeto de justiça climática e investigação filosófica, escrito coletivamente sob o nome de *Internation* [Internação]. Bifurcar significa dividir ou ramificar em duas partes. Nesse caso, é um chamado para bifurcar, criar alternativas e parar de ignorar a questão da entropia — um problema clássico da cibernética. Conhecemos o estado de desordem no contexto da crítica da internet como o problema da sobrecarga de informação com seus sintomas mentais de distração, exaustão e ansiedade, precipitados pelas arquiteturas extrativistas subliminares das redes sociais. Stiegler (2021a, p. 11) chamou nossa condição de Entropoceno, análoga ao Antropoceno, embora uma época caracterizada pelo “aumento maciço da entropia em todas as suas formas (física, biológica e informacional)”. Como Deleuze e Guattari (1994, p. 108) observaram, “não nos falta comunicação. Pelo contrário, temos muito disso. Nos falta criação”. Nossa tarefa é, portanto, criar

uma nova linguagem para entender o presente, com o objetivo de conter e superar o advento de múltiplas catástrofes, exemplificadas em meu contexto pelo conceito-contêiner Internet da Extinção.

Enquanto Bernard Stiegler e outros enfatizam que o desastre ecológico terá de ser teorizado nos níveis físico, biológico e informacional, a ênfase aqui recai sobre a redução do conhecimento à informação e suas implicações em hábitos, práticas e disposições psicossociais. Nos últimos anos, concentrei-me em como a política e a estética do ruído e da distração afetam nosso estado mental, principalmente no caso das gerações mais jovens. Se tais discernimentos sobre ansiedade, raiva e tristeza online podem conter blocos de construção úteis para alternativas ainda é algo a se verificar. Ultimamente, comecei a duvidar da minha presunção anterior de que uma análise crítica da miséria mental dos usuários da plataforma era um primeiro passo necessário para a organização, mobilização e, finalmente, mudança.

Minha geração descobriu cedo que a internet, nos termos de Derrida e Stiegler, é um *pharmakon*: é tanto tóxica como curativa. A crítica às suas premissas subjacentes, por exemplo, a Ideologia Californiana, é, dessa maneira, tanto uma rejeição quanto uma proposição. Como reunir análise e crítica em redes radicais e pragmáticas que podem fazer a diferença em termos de pesquisa, política e desenvolvimento de alternativas? Primeiro diagnóstico,

depois cuidados restauradores. Duas etapas necessárias para iniciar o processo de cura.

No meu caso, essas ideias remontam a duas obras que definiram minha trajetória intelectual. Primeiro, *Male Phantasies* (1977), de Klaus Theweleit, sobre as feridas psíquicas da classe trabalhadora alemã que a tornaram suscetíveis às promessas nazistas de recuperação da dignidade. E segundo, *Massa e poder* (1961), de Elias Canetti, um clássico da agora desaparecida disciplina de “Psicologia das massas” que estudei no Instituto Baschwitz², em 1983, durante o último ano do meu programa de Ciência Política na Universidade de Amsterdã, pouco antes de o instituto ser dissolvido e incorporado ao departamento de Ciências da Comunicação. Sua histórica questão “Antifa” é, mais uma vez, a questão de hoje: como dismantelar a armadura psíquica fascista? Por que as pessoas estão cada vez mais suscetíveis a teorias da conspiração, notícias falsas e mitologias sobre migração? Fornecer informações “objetivas” corretas não consegue fazer frente. O neopositivismo não nos leva a lugar nenhum e apenas reproduz modos dominantes de supremacia. Há uma amarga lição do passado: a deliberação não vencerá o fascismo.

Decifrar o código fascista foi uma das muitas tarefas confiadas à minha geração, que cresceu à sombra da Segunda Guerra Mundial, da Guerra Fria e do legado da geração de 1968 — meus professores.

Embora o fascismo possa ter sido derrotado militarmente, a um alto custo, suas raízes permanecem. Durante a reconstrução do pós-guerra, dominada pela Guerra Fria e pelo compromisso de classe, as raízes do fascismo não foram devidamente tratadas, muito menos removidas. Não é por acaso que a questão de como projetar, como viver uma “vida não fascista”, como dizia Michel Foucault, surgiu na década de 1970, quando a recessão e a austeridade voltaram ao Ocidente³. Avancemos cinquenta anos e a pergunta pode ser assim reformulada: que tipo de “tecnologias de si” digitais terão que ser projetadas para nos conhecermos de maneira contrária aos regimes normativos? Como viver uma vida fora da plataforma e ainda aproveitar os benefícios das redes sociais?

34

Um dos tijolos para uma crítica do Estado tecnossocial atual será uma versão radicalmente atualizada da psicanálise do século 21. Em *O terceiro inconsciente*, Franco Berardi (2021, p. 7) clama por uma psicanálise “que assuma o horizonte do caos e do esgotamento como ponto de partida para a reflexão”. Ele escreve que a descoberta do inconsciente nos séculos 18 e 19 resultou na fundação da psicanálise tanto como psicoterapia quanto como ferramenta de análise cultural. Em resposta à ênfase dada à negação e à sublimação por seus pais fundadores — o segundo modo do inconsciente, associado a Lacan e mais ainda a Deleuze e Guattari — Berardi (2021, p. 65) enfatizou o elemento da

DELIBERAÇÃO



NÃO

DERROTARÁ O

FASCISMO

**COMO DESENHAR,
COMO VIVER UMA**

VIDA

NÃO FASCISTA



facebook
arewell party
Amsterdam

**FESTA DE DEPEDIDA
DO FACEBOOK**

www

produção — não repressão, mas hiperexpressividade. Para eles, o inconsciente não era um teatro, mas uma fábrica, movida por uma “busca incansável de alegria que era incessantemente evitada, tentativas de vencer sempre frustradas pela realidade”.

Cinquenta anos depois da libertação do desejo, Berardi propõe um próximo ângulo: um terceiro inconsciente que gira em torno de uma compreensão da dimensão tecnossocial da mente, em um mundo que não é mais focado no crescimento e na (esquizo) produtividade, mas na extinção, na ansiedade e no decréscimo. Quetamina misturada com Instagram e punk ao vivo. A mente humana atingiu um estado de saturação. Berardi observa e convoca o desenvolvimento de novos conceitos críticos que possam nos ajudar a entender o espectro atual de sensibilidade mental e atenção emocional. Devemos praticar “manejar a dinâmica do desastre”, que ele chama de uma descrição precisa de “nossa condição mental durante o atual terremoto, que também faz tremer coração e mente”. De acordo com Berardi (2021, p. 148), “o fascismo é essencialmente uma reação psicótica à impotência e à humilhação”, como Theweleit provou anteriormente em *Male Phantasies*.

A transição perfeita da pandemia de covid-19 para a guerra na Ucrânia, a inflação e uma crise energética reforçou ainda mais o colapso do circuito bio-info-psíquico sob o peso do acúmulo de crises. A cada choque, subimos e descemos, navegando no

People who liked this



Mount Cook
1222 km South



One Tree Hill
401 km North East

s also liked...



Uluru
4281 km North West

**PESSOAS QUE GOSTARAM DISSO
TAMBÉM GOSTARAM...**

“atlas vertical” dos conflitos⁴. Na minha leitura de *O terceiro inconsciente*, as tecnologias de mídia entraram no corpo de tal forma que o corpo e a alma não podem mais ser separados da infoesfera semiótica. Não é apenas a fisionomia alterada. Pense também nos neurônios do cérebro que reorganizam a própria possibilidade de pensar ou o cansaço que sentimos nos olhos, nos dedos e em todo o corpo após mais uma sessão de Zoom. É assim que as tecnologias de esgotamento funcionam de maneiras que se estendem por toda a sociedade.

40

Franco Berardi continua sendo um dos poucos intelectuais europeus com uma sensibilidade sismográfica fenomenal para os estados obscuros das mentes jovens, grudadas em seus dispositivos. Sentir o pulso dessa maneira, em sintonia com a geração Z — a primeira geração a experimentar a internet como um dado, uma esfera fixa — é algo que Berardi compartilha com Bernard Stiegler. Há uma estratégia geral compartilhada aqui: uma forte crença de que a sociedade precisa, antes de tudo, enfrentar o abismo. É aqui que se aloca o descontentamento político, no ângulo do inconsciente social. A negação apenas acelerará ainda mais as crises que se desenrolam — mas a quem isso interessa? O otimismo da Nova Era anda de mãos dadas com o controle da percepção pública. É por isso que pílula vermelha-pílula azul é a ideia dominante de nosso tempo. Em vez de administrar procedimentos disfuncionais, uma saída poderia ser ensaiar — e

**CORPO
&
ALMA**

**NÃO PODEM MAIS
SER SEPARADOS DA
INFOSFERA
SEMIÓTICA**

praticar — coletivamente o ato lúdico de desaparecimento e reaparecimento (mas sem registro).

É hora de incorporar um modo circular de começo e fim, em vez do retorno sem fim dos tropos de otimização e austeridade. Segundo Berardi (2021, p. 10 e 11), o “circuito-bio-info-psico” deve ser processado antes que possamos ultrapassar o limiar em que nos encontramos. É necessária uma elaboração coletiva que lide com “sinais, gestos linguísticos, sugestões subliminares, convergências subconscientes. Esse é o espaço da poesia, da atividade que molda novas disposições de sensibilidade”, expressas em memes irônicos, vídeos divertidos, danças e gestos, vivenciados em momentos de intoxicação extasiante que nos arrastam mais fundo no vórtice da experiência musical e imagética.

42

Quais tipos de práticas artísticas estão fazendo a diferença aqui? A meu ver, a estética investigativa, voltada para mapear as evidências e forjar conceitos e críticas a partir da reorganização dos fatos, só pode estar no início de um processo de transformação radical⁵. Isso contribuirá para um movimento mais amplo de escrita e análise da história da arte nas artes — um novo paradigma, se preferir, que não apenas reproduz o movimento das Humanidades Digitais, mas se distingue da tendência desse campo de se concentrar na digitalização de arquivos aliada à análise baseada em dados seduzida por números, gráficos e escalas. Passamos do ponto de “competências digitais” do bem

e estamos cercados pela política do mundo real de urgências digitais. Nesta fase, o projeto de estética investigativa nunca perde de vista a questão do poder, reorientando a disputa política pela verdade ao contrapor narrativas hegemônicas de autoridade e engano com a veracidade dos oprimidos — concretizada por meio da estética computacional organizada em eixos espaciais e temporais de medida.

Pode o “eu online” se livrar da armadilha do marketing de vaidade? Podemos experimentar a livre cooperação e colaboração para escapar da jaula do eu? Como salvar o “tecnossocial” das mãos do Vale do Silício e do controle estatal, sem cair no romantismo offline ou no comunalismo defensivo e voltado para dentro? Esse é um projeto político e apaixonado de uma multidão de amigos e amigas italianas com quem tenho o privilégio de trabalhar, como Donatella Della Ratta, Tiziana Terranova e inúmeros outros. O ponto de partida é uma reversão dialética convincente. Em vez de retratar o social como um produto de movimentos históricos de grande escala, como capitalismo, industrialização, imperialismo, patriarcado ou colonialismo, o social é visto como uma força catalisadora original, um poder soberano que inicia invenções e novas formas de produção e reprodução. As redes sociais, em nosso caso, podem então ser melhor descritas como as verdadeiras impulsionadoras de tecnologias imaginárias — que repetidamente se deparam com a expropriação capitalista, reativa em

**ENCARE O
ABISMO**

**PASSAMOS
DO PONTO
DE
FAZER O
BEM**

sua natureza — forçando, em última análise, o social a se render. Coletivamente, precisamos reverter essa tendência e devolver autonomia e determinação ao social. Apesar das derrotas, o tecnossocial mantém seu poder transformador e é tudo menos uma vítima indefesa. Esse é um insight importante se quisermos antecipar a sociedade tecnológica durante essa turbulenta “segunda crise do petróleo”, por exemplo, ultrapassando os centros de processamento de dados desastrosos em termos energéticos, criando novas arquiteturas computacionais de redistribuição que complementem a exclusividade de poder fazer circular nossas bibliotecas offline por meio de unidades de terabyte.

Os italianos nos ensinam a levar muito a sério esta questão: o que é o social hoje? Há 40 anos, teríamos respondido: movimentos sociais autônomos. Há 30 anos, as comunidades de mídia tática; há 20 anos, as redes sociais e a web 2.0; e há uma década, a plataforma. O que você tem a oferecer, além de uma convocatória bem-intencionada para retornar aos valores do software livre? No plano interpessoal, Franco Berardi (2021, p. 9) propõe uma “conversão psicocultural à frugalidade e à amizade”. Com meu amigo de Sydney, Ned Rossiter, concebi “redes organizadas” que argumentamos ter fortes laços com uma estética distribuída, espalhadas por vários nós e localidades, em contraste com estruturas de rede clássicas que têm laços fracos e se desfazem facilmente. Redes

organizadas ainda são uma promessa, assim como o potencial não realizado do gênero “crítica da internet”. Um renascimento da filiação a organizações como partidos políticos como caminho para reivindicar o poder político parece ainda mais improvável do que há 40 anos, quando estudei esse tópico — aqui nesta universidade. Como transformar descontentamento e contra-hegemonia em uma verdadeira transição de poder nesta era da plataforma tardia? A questão da organização continua altamente relevante, não só para os movimentos de protesto, mas também no nosso contexto, para artistas e designers e outros trabalhadores nômades e precarizados.

46

“Me convençam de que essa não é a era das trevas digitais”, declarou Regina Harsanyi no Twitter em 2022. A perda de espaço privado parece real. E, de muitas maneiras, é. Fomos puxados para um buraco negro virtual. No entanto, há beleza no colapso. Isso é o que a pesquisa crítica de memes nos últimos anos nos ensinou.⁶ Há uma estética do colapso que a cultura da internet transmite, encarna e reproduz. Nos apressamos em escrever a história da efêmera cultura online, já que outros não farão isso por nós. Depois de três décadas, há um sentimento ainda mais pesado surgindo para além dos primeiros mapeamentos de regressão e estagnação, incluindo seus correspondentes estados sombrios. Como Brecht uma vez afirmou: “porque as coisas são como são, as coisas não permanecerão como

**MOMENTOS DE
INTOXICAÇÃO
EXTASIANTE QUE
NOS ARRASTAM
MAIS FUNDO NO
VÓRTEX DA
EXPERIÊNCIA
MUSICAL E
IMAGÉTICA**

47

**O CHEIRO
DA EXTINÇÃO
ESTÁ NO AR**

**REALISMO DE
PLATAFORMA**





são”. Neste instante, surge a possibilidade de extinção da internet. Este é o nosso momento da Verdade Inconveniente. Não apenas possibilidades infinitas implodiram no realismo da plataforma, mas também enfrentamos o horizonte existencialmente confrontador da finitude. Não de TCP-IP ou comutação de pacotes. A extinção da internet marca o fim de uma época de imaginação coletiva que, de muitas maneiras, demonstrou como arranjos tecnológicos verticais e horizontais alternativos eram possíveis. Não uma pilha, mas muitos platôs.

50

Cedo ou tarde, a estagnação e a recessão serão mapeadas em detalhes, mas a tarefa agora é teorizar seu colapso. A destruição vem depois da desconstrução. O otimismo institucional não recompensará ninguém por alertas de desastres da mesma forma que as críticas à internet e suas alternativas eram igualmente ignoradas no período pré-apocalíptico. É hora de infundir a fria abordagem gerencial da governamentalidade algorítmica com a assombrologia de Mark Fisher.⁷ Precisamos acordar e ver que o apagão se tornou sistêmico. Os modismos criptográficos niilistas de enriquecimento rápido são tecnologias do Último Dia. O que acontece depois que o invisível se torna visível e superamos o vazio do pensamento? O cheiro de extinção está no ar. O realismo darwinista afirma que é sua escolha ser pobre e desconectado, no frio, no calor, na seca ou na enchente. É hora de um ataque, um ataque na otimização.

**ESTÉTICAS
INVESTIGATIVAS
NUNCA
PERDEM
DE VISTA A
QUESTÃO DO
PODER**

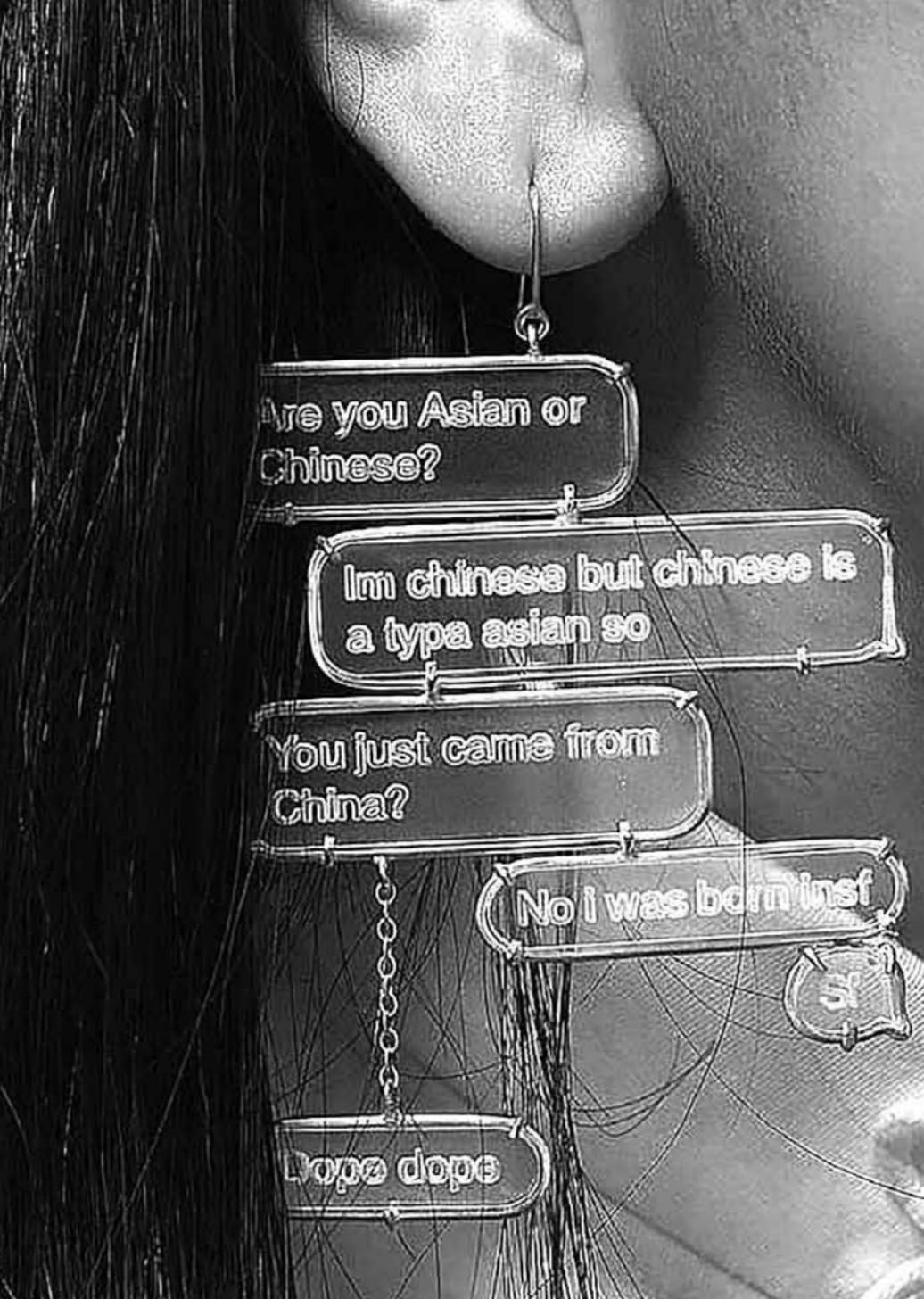
51

**AS MÍDIAS SOCIAIS
SÃO DESENHADAS PARA
DESCER A BARRA DE
ROLAGEM DO
APOCALIPSE**

EXISTE

BELEZA

NO COLAPSO



Are you Asian or
Chinese?

Im chinese but chinese is
a typa asian so

You just came from
China?

No I was born inst

Dope dope

**A ESTRATÉGIA
PARA DERROTAR A
ENTROPIA
DEVE INCLUIR A**

**DES
AUTO-
MIZAÇÃO
DE TUDO,**

**ÊXODO DAS
MÍDIAS
SOCIAIS,
O DESMANTELA-
MENTO DE
CENTROS DE
DADOS E O
REDIRECIONAMENTO
DE CABOS DE
FIBRA ÓTICA
PARA DESATIVAR
A SIRI E ALEXA.**

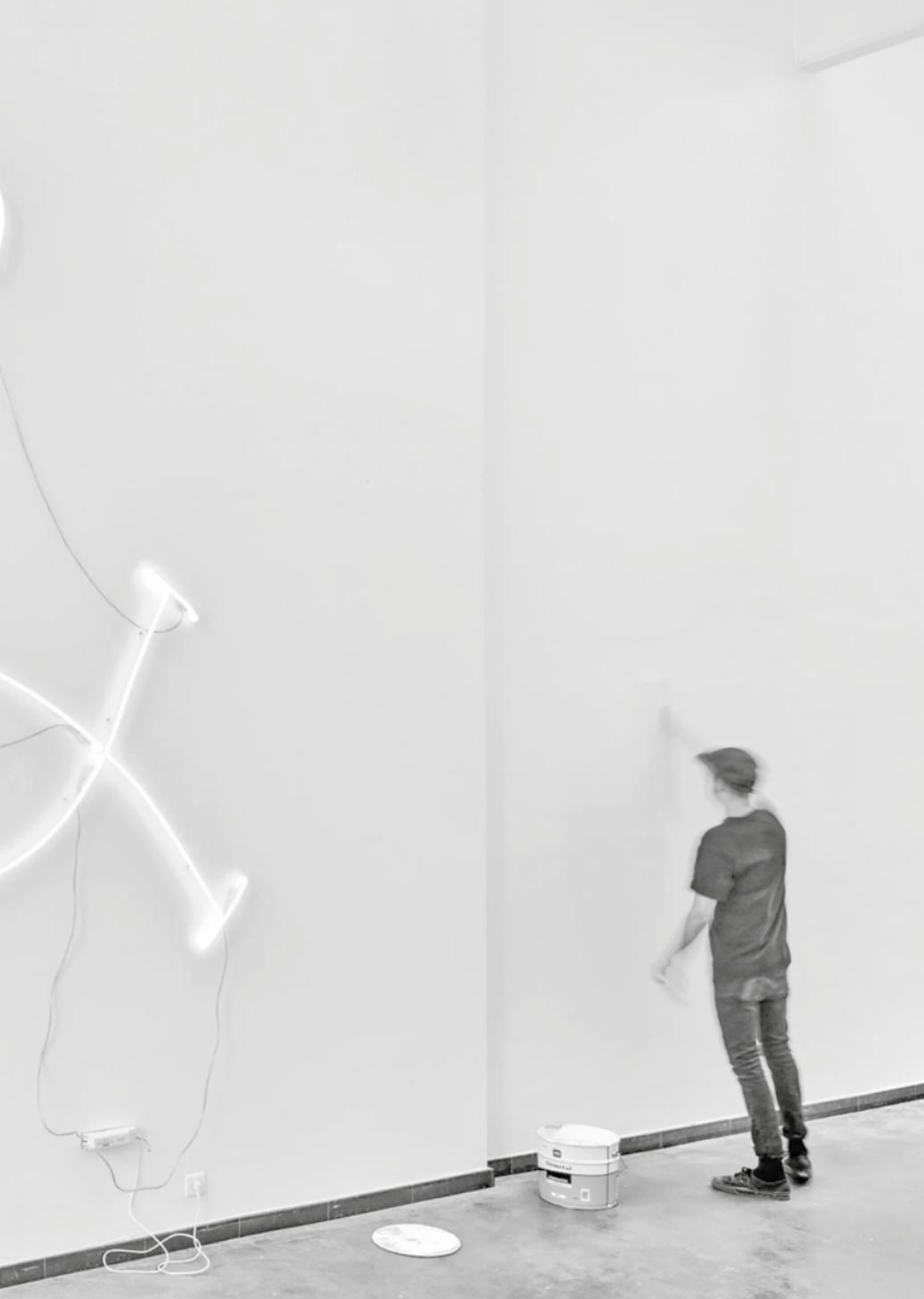
**“ME CONVENÇA
DE QUE ESTA
NÃO É A
IDADE DAS TREVAS
DIGITAL”
REGINA HARSANYI**

Pare de fazer melhorias. Chega de eficiências aprimoradas ou aumento de produtividade. É hora de ensinar design de problemas. Hora de sonhar *provocatypes*⁸.

Vamos consultar a persona Angelicism01 no Substack — minha Greta Thunberg niilista — uma poetisa *e-girl*, persona teórica e virtual ao mesmo tempo, que escreve: “a internet é impossível. Não penso nela porque me esmaga. Um dia na internet é tudo. Não sei se a internet vai acabar. No entanto, sei que a extinção está se aproximando”. E: “mudanças de extinção. A extinção é uma troca. A própria extinção está mudando. Isso é o que as máquinas de mudança estão dizendo. Isso é o que significa ir até o fim com a mudança. A internet e a extinção estão inextricavelmente ligadas. Experimentar a internet é experimentar a extinção”.⁹

A técnica como tal não impede o questionamento. Só porque estamos imersos em um sistema, não significa que somos capturados por sua suposta totalidade. As mídias sociais são projetadas para que desçamos a barra de rolagem da desgraça. A desautomatização no contexto da internet significaria romper com os hábitos repetitivos que penetram nas profundezas dos corpos conectados. Há algo de libertador em perder o perfil como um ato de esquecimento. O que pode ocupar o vazio em nossos cérebros desfragmentados depois que a internet desocupar a cena? Em que pode consistir a vida depois





que nossas mentes frágeis não forem mais atacadas pelos efeitos entorpecentes e deprimentes de descer a barra de rolagem da desgraça? Os neurônios pós-internet são o reino de uma nova reserva permanente de imaginação e reinvenção da cognição — os blocos de construção fundacionais da sociedade. Essa foi a lição de Stiegler.

60

A Extinção da Internet não é apenas uma fantasia do fim do mundo da tecnologia digital que um dia será eliminada em segundos por um pulso eletromagnético, desencadeado por uma arma de destruição em massa. A Extinção da Internet é o fim de uma era de possibilidades e especulações, em que a adaptação não é mais uma opção. O luto pelo desaparecimento do devir da internet começou antes; quando a plataforma encerrou o imaginário coletivo. Parece que outra internet não é mais possível. O usuário-como-programador está condenado a viver como um zumbi, deslizando e descendo a barra de rolagem sem pensar, não mais ciente de sua própria atividade. Enquanto no passado recente eu descrevi esse comportamento como sublimar ou subconsciente, na próxima fase o meio está em morte cerebral. Enquanto um estado profundamente soporífero está emergindo rapidamente, nossos gestos de informação habituais continuam a funcionar de forma automatizada.

O esforço deve ser esticar o tempo, reivindicar e ocupar a futura internet e projetar configurações

INTERNET DA EXTINÇÃO É O FIM DE UMA ERA DE

POSSIBILIDADES E
ESPECULAÇÕES,
QUANDO ADAPTAÇÃO
NÃO É MAIS
UMA OPÇÃO

**CRISE
CAPITALISMO
PROTESTO
MUDANÇA**

**O QUE É
DECRESCIMENTO
DA INTERNET,
DESAPRENDIZAGEM
DE MÁQUINAS E
ESTUPIDEZ
ARTIFICIAL?**

62

**O QUE DEFINE NOSSO
ATUAL ESTADO DE
COSMOTÉCNICAS?**

autônomas de tempo-espaço que permitam que a reflexão e buscas sem sentido se desenvolvam. A pós-internet será vendida como uma tecnologia irreversível. Como contra-ataque, precisamos redesenhar os sistemas atuais que estão causando a perda de memória e conhecimento. O projeto aqui não é apenas manter a extinção do protocolo da internet, mas também superar a depressão organizada a ela relacionada.

Mark Fisher (2021, p. 23) escreveu uma vez: “as crises, sejam elas do capitalismo ou de protesto, já não produzem mudança; a negatividade destrói o velho, mas não produz mais o novo”. Da mesma forma, tive que aprender pelo caminho difícil que nem a crítica à rede nem a psicanálise coletiva do eu online levariam à mudança. Nossa tarefa será, nas palavras de Bernard Stiegler (2021b, p. 242), “colocar os automatismos a serviço de uma desautomização negantrópica”. A estratégia para vencer a entropia pode passar pela desautomização de tudo, desde o êxodo das redes sociais, o desmantelamento de centros de processamento de dados e o reencaminhamento de cabos de fibra ótica e até mesmo à desativação da Siri e da Alexa.

Em vez de culpar as disciplinas acadêmicas estabelecidas, devemos seguir em frente e fazer uma análise amoral da situação atual, na qual antecipamos que a internet já desapareceu. “A internet não existe”, escreve Angelicism01. “Talvez existisse há pouco

tempo, uns dois dias atrás, mas agora só permanece como borrão, espelho, doxa, *deadline*, redirecionamento, 01. Se alguma vez existiu, não conseguimos vê-la. A internet acabou, ninguém pode nos carregar. Quando você não é, o seu espaço ainda finge ser.” Paul Virilio e Jean Baudrillard me ensinaram desde cedo que existe uma estética do desaparecimento. Precisamos descobrir como encenar uma extinção eletrônica alternativa radical e não nos apressarmos em declarar: “a internet está morta, vida longa à internet!” Outro fim é possível. Isso não acontecerá apenas bombardeando geradores de energia elétrica, como os invasores russos estão fazendo na Ucrânia. Ou instalando, removendo e reinstalando uma das conexões Star Link de Elon Musk. Talvez já tenhamos esgotado o tempo para fazer pesquisas fundamentais, mas o mínimo que podemos fazer é facilitar os artistas — e ouvir atentamente sua imaginação cosmotécnica “cli-fi”.

Não apenas na biosfera, mas também na infoesfera, a perda de diversidade é entrópica e, ao mesmo tempo, esterilizante e frágil, colapsando sobre si mesma.¹⁰ *Networking* a serviço da crítica à rede, computação a serviço da desintoxicação digital e design alternativo de aplicativos em nome da prevenção de dados, não apenas da proteção deles. O que é decrescimento da Internet, desaprendizagem de máquina, estupidez artificial? É assim que o pensamento farmacológico e o fluxo de reflexão

podem se transformar em procedimentos aplicados de design. O desafio seria, no espírito de Stiegler, introduzir essas bifurcações improváveis e incalculáveis no ensino superior para implementar conceitos, protocolos e protótipos restaurativos. Seguindo Anais Nin, podemos dizer que o canal de comunicação do nosso agrado “deve ser a machadada no mar congelado dentro de nós”.

A proposição aqui é uma noção renovada de redes sociais com ênfase no cuidado, ferramentas de computação intergeracional que servem à resolução de problemas em todos os níveis da pilha de crises. Esse é um pensamento embutido no qual a questão não é mais o que podemos fazer com o fluxo interminável de aplicativos para download que vêm e vão — como TikTok, Ethereum, Dall-E, Zoom e Clubhouse, passando por BeReal e suas agendas ocultas de extrativismo. Vamos parar de construir soluções Web3 para problemas que não existem e lançar ferramentas que descolonizem, redistribuam valor, conspiram e organizem. Como Bogna Kronior expressou em um *tweet*: “eu não quero liberdade de expressão. Eu quero uma rede que não se correlacione com o espaço físico real e não transforme tudo em um concurso de popularidade, narcisismo regado a vício em dopamina. Tornea-anônima, torne nossos globos oculares e sistemas nervosos soberanos, chega de economia de identidade. Não trabalhar mais para as plataformas, observados por autoridades invisíveis e distantes”.¹¹

O que é o decrescimento da internet no momento em que sua população de usuários ultrapassou a marca de cinco bilhões? Jean Baudrillard nos ensinou que a explosão da informação é vivida como uma implosão. O que acontece quando as cidades inteligentes colapsam no buraco negro do metaverso, quando as sociedades pós-covid-19 se deparam com a recusa ao trabalho? O que significa quando cantamos “speaking truth to the platform” [falando a verdade para a plataforma] e criamos vídeos de “propagandas climáticas”?¹² O que significa parrésia no contexto da internet, para além da liberdade de expressão liberal? Quais são as nossas preocupações ambientais além do uso de eletricidade de centros de processamento de dados e procedimentos de mineração de criptografia extremamente ineficientes em termos de energia?

66

O que define nosso estado atual de cosmotécnica, como Yuk Hui o chama, é um emaranhado perturbador de aceleração de eventos combinado com estagnação social. A cosmotécnica é o caso quando não há mais um retorno ao estágio ingênuo da globalização possível, aliado a uma hesitação em resistir à retirada geopolítica. Esse estado de confusão leva a tecnomonstruosidades, desde criptomonedas libertárias de direita, notícias falsas e *deep fakes* até IA tendenciosa. A expectativa de que as decisões políticas irão guiar e domar esses desenvolvimentos tecnológicos praticamente se desvaneceu. Os mercados também não

farão isso. Juntamente com Pieter Lemmers, Yuk Hui escreve: “a verdade do nosso tempo é uma verdade para a qual, segundo Stiegler, praticamente todos preferem fechar os olhos por ser muito traumática, inconcebível e assustadora. Ele fala não apenas sobre o possível, mas também sobre o provável e iminente fim da humanidade, ou pelo menos da civilização humana como a conhecemos”.¹³ Mesmo os poucos ricos “preparados” que fogem para bunkers enterrados na Nova Zelândia, ou organizam um êxodo para o espaço sideral, estão condenados igualmente. Ninguém escapa do colapso civilizacional combinado com o desastre climático. Um evento de extinção de espécies é um dado indiscutível.

O fim da internet como a conhecemos, ou mais especificamente, o fim das culturas de rede como a conhecemos (e a estudamos) está ainda mais próximo.¹⁴ Na última década, a internet mudou rapidamente de um status legal e favorável — sendo a solução — para ser parte do problema, incapaz de reverter suas próprias tendências destrutivas. Podemos já ter passado do ponto de retorno. Silenciar o não-humano não funciona mais. Como responder à escolha retórica de Douglas Rushkoff, “programar ou ser programado”, em uma época em que o código-fonte aberto e o software livre estão moralmente falidos por se venderem às corporações e, portanto, não atraem mais as próximas gerações? O que acontece quando os alemães não conseguem lidar com suas





69

**Eu quando uso meu
telefone diariamente**



**Eu antes de ter
um telefone**



FERRAMENTAS

QUE

**DESCOLONIZEM,
REDISTRIBUAM**

**VALOR,
CONSPIREM
E ORGANIZEM**



tempestades de merda e os franceses passam a pensar na colapsologia? Resumindo, o que significa quando dizemos que a internet deu uma guinada catastrófica e não tem conserto?

Tomemos *Infinite Detail*, de Tim Maugan (2019), uma história de ficção científica de um futuro próximo que gira em torno do tema do interruptor da morte. Um ciberataque desliga permanentemente a internet, trazendo o fim do mundo como o conhecemos. O corte de cabos oceânicos e ataques a telecomunicações e centros de processamento de dados estão acontecendo enquanto conversamos. Estamos voltando à origem militar da cibernética e da internet, retornando às obras de Paul Virilio e Friedrich Kittler que moldaram minhas bases intelectuais — até hoje. Enquanto a internet prometeu resiliência, o colapso é real.

A Extinção da Internet é sobre decréscimo, sobre pôr fim à extração de dados e, sim, sobre momentos em que as telas ficam pretas e as barras de rolagem da catástrofe param abruptamente. Mas também é uma questão de design de emergência, uma promessa radical de que ainda é possível implementar os princípios de prevenção de dados em dispositivos e aplicativos, presumindo que logo atingiremos o “pico de dados” e que as medidas atuais, como IA ética e “bons dados”, também não vão trazer justiça social, acabar com o capitalismo racial e tampouco prevenir desastres climáticos. Para

colocar em termos pós-apocalípticos de ficção científica: não há punk solar, mas punk lunar.¹⁵

No nível dos estados mentais, recentemente focamos principalmente na distração induzida pelas plataformas, na impotência reflexiva e no hedonismo depressivo, como Mark Fisher descreveu. Essa situação alarmante agora está associada à *solastalgia*, “uma forma emergente de depressão e angústia causada por mudanças ambientais, como mudanças climáticas, desastres naturais, condições climáticas extremas e/ou outras alterações negativas ou perturbadoras nos arredores ou em casa”.¹⁶ Com milhões de refugiados climáticos — e contando — somos desafiados a pensar juntos em uma “pilha de crises” na qual a dependência de plataforma é apenas uma das muitas preocupações urgentes.

72

A constatação de que a internet está acelerando os problemas do mundo e se tornando cada vez mais problemática está ganhando status de consenso. Os protocolos presumivelmente “bons” e a natureza descentralizada como uma “rede de redes” acabaram sendo incapazes de contestar tanto as plataformas centralizadas quanto o controle autoritário e se mostraram suscetíveis ao controle e incapazes de contornar a política do mundo real e tratá-la como prejudicial, como cantou o coro dos anos 1990.¹⁷ Embora seus órgãos de governança sejam governados por engenheiros

bem-intencionados e funcionários do ministério das telecomunicações, infelizmente, com o Facebook e o Google ocupando posições-chave, as chances de uma revolução palaciana são improváveis. Isso torna ainda mais necessário traçar roteiros com passos concretos sobre como a internet pode ser recuperada. Especialmente aqui em Amsterdã, com seus *hubs fintech* e o estratégico Amsterdam Internet Exchange (e seus prédios descolados).¹⁸ Afinal, esperar por Bruxelas é como esperar por Godot. Além disso, como as universidades podem ser libertadas de sua dependência do Google e da Microsoft — e como os artistas podem se libertar do Adobe e do Instagram?

Na conclusão de *Stuck on the Platform*, mapeei como um êxodo de plataforma poderia ocorrer. Usei o termo “stacktivismo” para isso, uma forma de ativismo na Internet que se torna consciente das dependências inter-relacionadas de suas alternativas propostas e de sua forma em camadas, desde repositórios públicos, infraestruturas descentralizadas e sistemas operacionais abertos com software livre até interfaces não manipulativas, filtros de IA para fóruns deliberativos de tomada de decisão. O esforço deve ser estender, abrir o tempo, reivindicar e projetar configurações de espaço-tempo autônomas que permitam à reflexão se desenvolver. Definitivamente, isso não é obscuro nem utópico. Na verdade, rejeito as fantasias globais de “computação planetária” e “terraformação”, promovidas por Benjamin Bratton,

autor de *The Stack* [A pilha], ou a metafísica da chamada “teoria digital”.

Então, como podemos “romper os disruptores”? Primeiro, precisamos garantir que nossos conceitos e projetos possam ser ampliados e adotados. Esse é, por exemplo, o caso da transição de um modelo de negócios extrativista para o que Bernard Stiegler e colaboradores chamaram de “economia contributiva”. Esta é aquela em que os pagamentos *peer-to-peer* se somam a uma economia circular sustentável geral que opera tanto para a redistribuição local quanto global de riqueza e recursos. Eu argumento que essa é a dimensão decolonial da Questão da Informação, uma área que precisa de mais trabalho relacionado à pegada de carbono, à extração de terras raras e às questões de lixo eletrônico do digital.

74

Como afirma Michael Marder (2022) em *Philosophy for Passengers*: “depois que termina a viagem pelo mundo, começa a jornada do entendimento”. *Entendendo a Internet*. Nossa tarefa como teóricos, artistas, ativistas, designers, desenvolvedores, críticos e outros resistentes será ir além do colapso e desenvolver uma modéstia radical em relação aos potenciais digitais. Precisamos bifurcar para que possamos caminhar para novos horizontes, abrindo caminho para o que Stiegler chama de Negantropoceno. Comparado ao desastre climático que se desenrola e à crescente desigualdade social, o desafio computacional para chegar lá é relativamente menor. Afinal, o

ESPERAR

POR

BRUXELAS

É COMO

ESPERAR

POR

GODOT

código pode ser reescrito, novos sistemas operacionais construídos, cabos e sinais reencaminhados, centros de processamento de dados descentralizados e infraestruturas públicas instaladas.

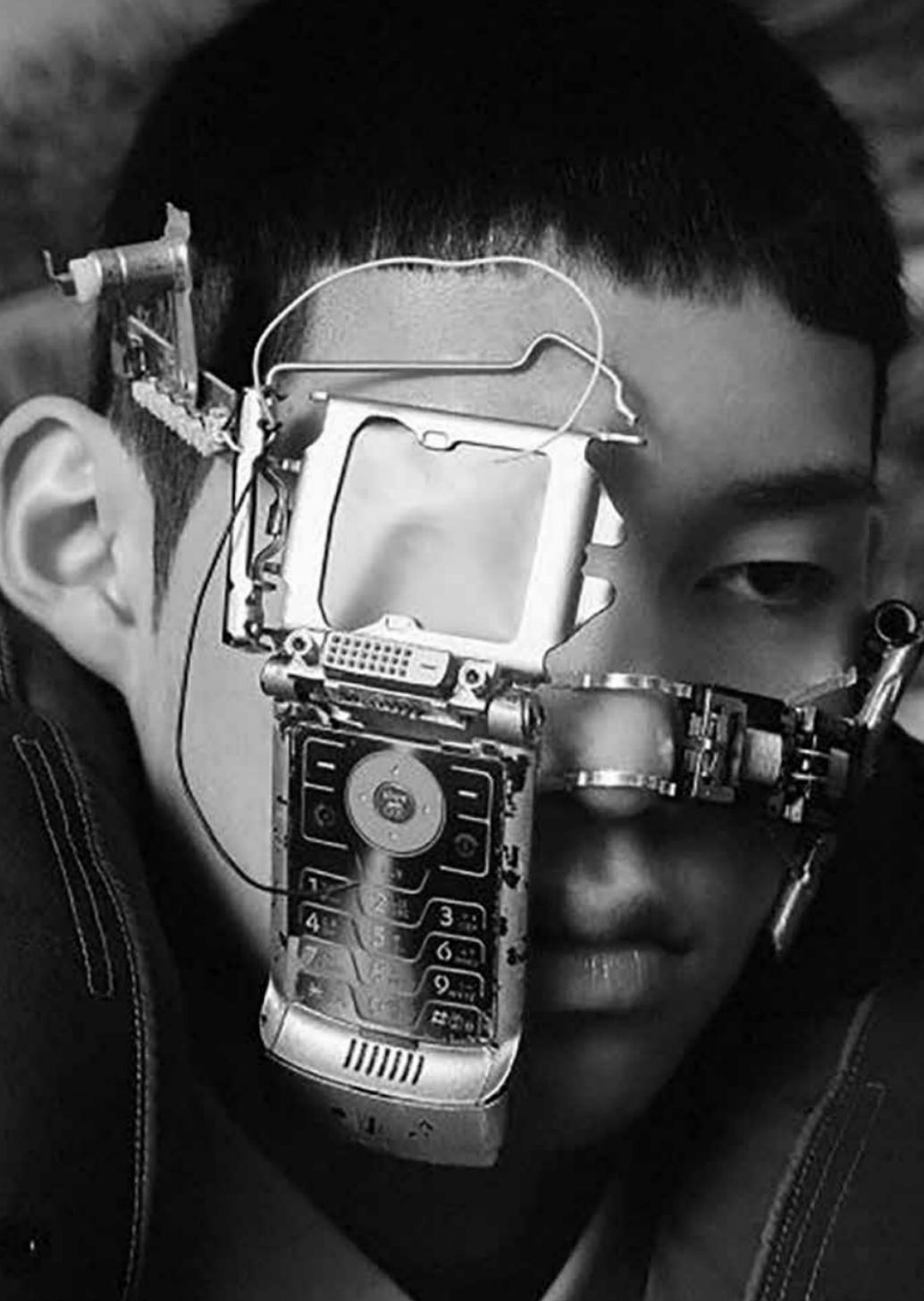
Como observou Walter Benjamin: “que as coisas sigam assim é a catástrofe”. A questão aqui não é que a internet entre em colapso da noite para o dia — e, se isso não acontecer, a tese da extinção seja falsa de alguma forma. Já existem cortes de eletricidade suficientes no mundo, como meus amigos na Ucrânia me lembram.¹⁹ Além da “redução de carga”, existem os filtros, *paywalls*, algoritmos e IA, censura estatal, *hacks*, remendos com falhas e moderação de conteúdo, todos conduzidos por mão de obra barata. Haverá cada vez mais “eventos improváveis” para além da categoria anterior de cyberguerra hacker. Este mundo pós-natural está prestes a dar pulos e saltos estranhos.²⁰ O estranho cosmotécnico surpreenderá aqueles que acreditam em conectividade suave e estável. Mas o que está realmente em jogo aqui é o colapso da imaginação coletiva de uma tecnologia que está desempenhando um papel tão importante na vida cotidiana de bilhões de pessoas — mas que, no entanto, pode ser moldada, dirigida, projetada, voltada para propósitos não oficiais. O fechamento da possibilidade de mudança vem acontecendo há uma década ou mais, substituído por suaves interfaces de usuário e vídeos de gatos.

Progresso lento, mas constante, foi feito com o desenvolvimento de aplicativos de internet alternativos. Além dos já estabelecidos Linux, Wikipedia e Firefox, há DuckDuckGo, Signal, Telegram, Mastodon e Fediverse, Deepl, OpenStreetMap, Jitsi e Cryptpad; a lista está crescendo. No entanto, as tão necessárias ferramentas de rede social provaram ser muito difíceis de decifrar. Durante a Década Perdida da internet, temos reorganizado as cadeiras do convés do Titanic sob a orientação inspiradora da classe dos consultores. Infelizmente, o otimismo organizado anulou com sucesso as críticas. Essa é a verdadeira tragédia da crítica à Internet, *Made in Europe*.²¹ Onde está nossa resiliência agora que precisamos dela? Enquanto o foco mudou para uma cena paralela em direção a criptografia, blockchain e sistemas de pagamento, o tecnossocial permaneceu negligenciado. É possível voltar das plataformas para protocolos? Ainda dá tempo de fazer a codificação e criar novos scripts de conexão? Com os níveis de desespero e raiva aumentando, muitos sentem que já é tarde demais. Há pouca paciência para rituais burocráticos de consenso em que as soluções são novamente delegadas a gerentes de relações públicas, “mercados” e engenheiros não tão “neutros” que deveriam resolver o problema.

Não tenho a ambição de me tornar a Cassandra da plataforma. Nem estou morrendo de vontade de escrever um elogio à minha amada profetisa. O medo



**CONHECI A VERDADE
E ELA É BOBA**



WALTER BENJAMIN:

“QUE

AS COISAS

APENAS

CONTINUEM

É A CATÁSTROFE.”



relacionado à sua passagem deve ser algo tão difundido que seu nome raramente é mencionado em respeito aos mortos. “Usamos a mídia social, não mais a i...” Bruce Sterling, escritor de cyberpunk, preparou o terreno para isso, já em 1995 com o Dead Media Project²² — como seria de esperar de um escritor de ficção científica dessa estatura. O site tinha como objetivo reunir tecnologias de comunicação obsoletas e esquecidas, compiladas em um manual sobre as falhas, colapsos e erros hediondos da mídia. Sterling e seus colaboradores já adicionaram os primeiros recursos somente de texto como telnet, gopher e grupos de notícias à sua lista de mídia morta. Mais cedo ou mais tarde, a internet como tal pode ser colocada na lista. Provavelmente, isso será vendido para nós como algo em nome do progresso e da conveniência do usuário.

Eleve a entropia, vire os memes, faça as telas dançarem e deslize o dedo a noite toda. Ao romper da aurora, a humanidade estará preocupada com assuntos mais urgentes. Alguns renegados se lembram do “curto verão da internet”, que foi seguido por um longo reinado dos Titãs — até que uma ruptura cobriu as culturas em rede com uma espessa camada de cinzas semióticas, sufocando os diálogos e as trocas remanescentes. É nossa tarefa de cronistas, como nos lembra Walter Benjamin (1968) em suas *Teses sobre a filosofia da História*, escritas pouco antes de sua morte, fugindo do nazismo, recitar os pequenos atos

desse notável episódio da comunicação. Ele nos convida a “agarrar uma memória quando ela surge em um momento de perigo”. Esquecer a breve época de liberdade na internet com todas as suas estranhezas e falhas não é sinal de um irresistível progresso. Há pilhas de escombros de dados à frente. É nossa tarefa nos recusar a ficar do lado dos bilionários e outros governantes autoritários, lutar contra a tecno-nostalgia e novamente assumir a “tarefa de escovar a história a contrapelo”.

Ao reivindicar o fim, a energia é liberada para criar novos começos.

**DURANTE A
DÉCADA PERDIDA
DA INTERNET,
TEMOS REOR-
GANIZADO AS
CADEIRAS DO
CONVÉS DO
TITANIC SOB A
ORIENTAÇÃO
INSPIRADORA
DA CLASSE DOS
CONSULTORES**

**COMO OS ARTISTAS
PODEM SE LIBERTAR DO
ADOBE E DO INSTAGRAM?**





enthusiastic
proactive
team player
result-driven
resilient

**ENTUSIASMADO
PROATIVO
BOM EM EQUIPE
ORIENTADO PARA RESULTADOS
RESILIENTE**



**VIRE OS
MEMES,
FAÇA AS
TELAS**

**DANÇAREM,
E DESLIZE
O DEDO A
NOITE TODA.**

Notas

1. Gostaria de agradecer a Ned Rossiter, David Berry, Patricia de Vries, Nadine Roestenburg, Niels ten Oever, Chloë Arkenbout e Sabine Niederer por suas valiosas edições e comentários.

2. Ver: https://en.wikipedia.org/wiki/Kurt_Baschwitz. Ver também: Ginneken, Jaap van; Baschwitz, Kurt. *A Pioneer of Communication Studies and Social Psychology*. Amsterdã: University of Amsterdam Press, 2018. E também minha entrevista com van Ginneken em sua biografia de Baschwitz: <https://doi.org/10.25969/mediarep/3437>.

88

3. Entrada do Tumblr de Cat Queen Cole sobre isso: “Ação política livre de toda paranoia unitária e totalizante. Desenvolva ação, pensamento e desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal. Não pense que é preciso estar triste para ser militante, ainda que a coisa contra a qual se luta seja abominável. É a conexão do desejo com a realidade (e não seu recuo para as formas de representação) que possui força revolucionária”. Disponível em: <https://catqueencole.tumblr.com/post/47116289181/michel-foucaults-guide-to-non-fascist-life>.

4. Ver: <https://verticalatlas.net>.

5. Mais sobre isso no inovador *Investigative Aesthetics*, escrito por Matthew Fuller e pelo diretor de Forensic Architecture Eyal Weizman (Verso Books,

Londres, 2021), que pode ser facilmente aplicado a diversas iniciativas, de Bellingcat, Metahaven, CitizenLab Tactical Tech, Berliner Gazette a Disruption Lab e obras de artistas como Trevor Paglan, Walid Raad, Paolo Cirio, Femke Herregraven, Vladan Joler e Laura Poitras.

6. Ver: <https://networkcultures.org/viralimageculture>.

7. A versão de Fisher de assombralogia e futuros perdidos “é caracterizada por uma recusa melancólica em desistir dos dias do modernismo popular, em que tudo parecia possível, e uma recusa em ceder ao realismo capitalista e à finitude pós-moderna”. Disponível em: <https://medium.com/@nicholasadiaz7/introducingmark-fisher-part-3-hauntology-lost-futures-and-politizedmelancholia-820e7a207e1e>. Em suas próprias palavras: “quando o presente desistiu do futuro, devemos ouvir as relíquias do futuro nos potenciais inativos do passado”. Isso pode ser facilmente aplicado aos esforços de “recuperar a internet” dos quais nosso instituto faz parte desde 2011, com o lançamento da rede Like Us.

8. [N.T.] O autor faz um trocadilho com o termo provotypes e a palavra provocation [provocação]. No design, um provotype é uma ferramenta na qual se faz, antes de mais nada, uma proposta completamente não usual, provocativa, até mesmo ridícula e engraçada com o objetivo de gerar discussão entre diferentes tipos de usuários e partes interessadas para então chegar ao que se quer.

9. Citações de <https://substack.com/profile/5625705angelicism01> e a contribuição de Janie definindo Angelicis, <https://soundcloud.com/pleasure-helmet-977951874/sets/angelicism-tapes>

10. Ver a entrevista com Daniel Ross por Ryan Bishop, *Theory, Culture & Society*, v. 38, ed. 4, jul. 2021, p. 119. Nesse diálogo, Ross fala do dever “de elaborar uma terapêutica cuidadosa para as escancaradas feridas psíquicas, sociais e biosféricas infligidas pela técnica”, apontando que as “ataduras” também serão necessariamente técnicas.

11. Tweet de 24 abr. 2022.

12. Referência a duas obras de 2020, a performance teórico-musical *We Are Not Sick*, de Geert Lovink e John Longwalker, disponível em: <https://wearenotsick.com>; e *Climate Propagandas* de Jonas Staal, disponível em: <https://vimeo.com/482531050>.

13. Disponível em: <https://www.boundary2.org/2017/01/pieter-lemmens-and-yukhui-apocalypse-now-peter-sloterdijk-and-bernard-stiegler-onthe-anthropocene>.

14. Como coeditor da tradução para o inglês de *The Ends of the Internet*, de Boris Beau de Lencquesaye (Institute of Network Cultures, Amsterdã, 2016, original em francês, 2014), estou bem ciente de expressões anteriores a essa ideia. De acordo com Beaud, as revelações de Snowden em 2013 marcaram o ponto de virada da liberdade de expressão para o Panóptico Global, da inteligência coletiva para a capacidade distribuída,

do gratuito para o proprietário, da descentralização para a hipercentralidade e da neutralidade da rede para a neutralização da internet. Oito anos depois, essas tendências são consideradas fatos históricos. Ver: <https://networkcultures.org/blog/publication/no-11-the-ends-of-the-internet-boris-beaude>.

15. “O sol é um símbolo da natureza e da tirania. Através de sua insistência de transparência e identidade, solarpunk herda as características duais de seu símbolo central. Os sistemas Solarpunk são paisagens desérticas nas quais os usuários estão expostos e em perigo. Lunarpunk é mais como uma floresta. Uma densa cobertura de criptografia protege as tribos e oferece santuário para os perseguidos. Bosques arborizados fornecem uma linha de defesa crucial. As paisagens lunares são escuras. Elas também estão cheias de vida.” <https://www.egirlcapital.com/writings/107533289>

16. Ver <https://www.verywellmind.com/so-lastalgia-definitionsymptoms-traits-causes-treatment-5089413>.

17. “A Internet interpreta a censura como prejudicial e a contorna”, atribuído a John Gillmore, mencionado pela primeira vez no final de 1993, ver: <https://quoteinvestigator.com/2021/07/12/censor>.

18. Ver <https://www.ams-ix.net/ams>.

19. Ver o diário de Svitlana Matviyenko e outras postagens no blog *Tactical Media Room*, <https://networkcultures.org/tactic-media-room/author/svitlana>.

20 Mais sobre improbabilidade em Amitav Ghosh, *The Great Derangement, Climate Change and the Unthinkable*. Chicago: The University of Chicago Press, 2016, p. 16. Relevante nesse contexto também seria o sinistro tecnológico da extinção da internet como um evento improvável, não como ato de desespero, para desligar (p. 30-32). Também muito relevante para isso é o trabalho de Olga Goriunova e Matthew Fuller sobre a impossibilidade: *Bleak Joys*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.

21 Ver também: Mieke Gerritzen/Geert Lovink. *Made in China, Designed in California, Criticized in Europe*. Amsterdã: Bis Publishers, 2019.

22 Ver https://en.wikipedia.org/wiki/Dead_Media_Project e https://www.alamut.com/subj/artifac/deadMedia/dM_Manifesto.html.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Theses on the Philosophy of History*. In: *Illuminations*, Schocken Books, Nova York, 1968. [Ed. Bras.: *Sobre o Conceito de História*. Alameda Editorial, 2020.]
- BERARDI, Franco. *The Third Unconscious*. Verso Books, Londres, 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *What Is Philosophy?*. Nova York: Columbia University Press, 1994. [Ed. Bras.: *O que é a filosofia?*. Editora 34, 2010.]
- FISHER, Mark. *Postcapitalist Desire*. Londres: Repeater Books, 2021.
- MARDER, Michael. *Philosophy for Passengers*. Cambridge: MIT Press, 2022.
- MAUGHAN, Tim. *Infinite Detail*. MCD x FDG Originals, Nova York, 2019.
- STIEGLER, Bernard; INTERNATIONAL COLLECTIVE (eds). *Bifurcate: 'There is No Alternative'*. Londres: Open Humanities Press, 2021a.
- STIEGLER, Bernard. "Elements for a Neganthropology of Automatic Man". In: *Philosophy Today*, v. 65, ed. 2, 2021b.

**E AÍ NÃO É O
PASSADO
QUE CONSTITUI
A NOSSA ÂNCORA —
COMO APRENDEMOS E,
QUEM SABE, ENSINAMOS —
A NOSSA ÂNCORA É
O FUTURO.**

**MILTON
SANTOS**

Extinção da Internet é uma palestra inaugural feita por Geert Lovink em 18 de novembro de 2022 como Professor de Arte e Culturas em Rede no grupo de pesquisa História da Arte Moderna e Contemporânea, na Faculdade de Humanidades da Universidade de Amsterdã.

Agradecimentos à professora Mia Lerm-Hayes por fazer tudo isso acontecer, bem como a Frank Kresin, Reitor da Faculdade de Mídias Digitais e Indústrias Criativas, por facilitar o patrocínio dessa cátedra na Universidade de Ciências Aplicadas de Amsterdã.

Publicado originalmente pelo Institute of Network Cultures (Amsterdam), em 2022.

